

**Juan ALONSO ALDAMA. La
tension politique. Pour une
sémiotique de la conflictualité.
Paris: H' Harmattan, collection
“Sémioses”, 2023, 308p.**

Oriana de Nadai Fulaneti¹

Juan Alonso Aldama, atualmente professor na Université Paris Descartes, doutor em Sociologia pela mesma universidade, desenvolve pesquisas principalmente dedicadas à semiótica da política e do conflito. Entre suas obras, podemos destacar *Le discours de l'ETA. Un terrorisme à l'épreuve de la sémiotique*². Alonso Aldama já esteve algumas vezes no Brasil, onde ministrou minicursos e conferências; publicou capítulos de livros e artigos em periódicos locais (todos traduzidos para o português), além de receber inúmeros pesquisadores brasileiros em estágios de doutorado sanduíche e pós-doutorado, tendo se mostrado um grande parceiro em nossas pesquisas.

Sua mais recente obra, *La tension politique. Pour une sémiotique de la conflictualité*, que traduzo livremente por “Tensão política. Por uma semiótica do conflito”, resultado de anos de trabalho, pode ser vista como um presente para

¹ Doutora em Semiótica e Linguística Geral, Professora associada no Departamento de Língua Portuguesa e Linguística da Universidade Federal da Paraíba. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5959-7292>, od.fulaneti@uol.com.br.

² ALONSO ALDAMA, Juan. *Le discours de l'Eta. Un terrorisme à l'épreuve de la sémiotique*. Limoges: Lambert-Lucas, 2005.

Papéis

os semioticistas e pesquisadores de humanidades interessados em política, de modo geral. Um presente pelo acerto da temática diante dessa conjuntura de crises que estamos vivendo na segunda década do século XXI – com guerras, emergências climáticas, enfraquecimento de democracias, crescimento da extrema direita e de governos autoritários. A política e suas tensões representam o motor central para a compreensão da atualidade e a construção de caminhos futuros. Um presente metodológico para os semioticistas, uma vez que o autor engendra muito bem o universal e o particular; a semiótica greimasiana, a semiótica tensiva, a semiótica das práticas e a sociosemiótica; as ferramentas teóricas e as análises, esboçando uma bela teoria semiótica do político. Assim, a tarefa de resumir as ideias centrais de uma obra tão rica em proposições torna-se um desafio, com o qual passamos a duelar.

O título do livro contém uma de suas diretrizes gerais, a perspectiva conflitual da significação do político. Essa opção traz em si um importante diferencial em relação à maioria dos autores da Teoria Política, os quais adotam uma perspectiva contratual. O segundo elemento diferencial da obra, também presente no título, refere-se à sua base teórica, a semiótica francesa. As demais correntes de estudo da linguagem – Retórica, Análise do Discurso, Pragmática, com frequência realizam o estudo do político sob uma dimensão estritamente linguística. A Teoria Política, por sua vez, estuda o que Hjelmslev chamou de substância do conteúdo. Filiada ao projeto da semiótica greimasiana, a obra aborda o fenômeno da significação a partir de uma teoria geral da linguagem. Assim, os elementos constitutivos do sentido – texto, imagem, ação, espaço, todas as coisas do mundo percebido ou perceptível são objetos de significação e devem ser submetidos a uma mesma teoria e metodologia.

O estudo do político do ponto de vista semiótico toma como elemento central a noção de estratégia, em torno da qual se organizam as quatro partes da obra: a própria definição de estratégia e seus desafios; as relações entre processo e evento no desenvolvimento desses discursos; questões modais relativas à certeza e à incerteza; dimensão passional como componente essencial da existência do político. As diferentes problemáticas do tema são abordadas dando especial atenção aos “motivos” como «espera»,

Papéis

«intimidação», «ultimatum», «rendição», «espiões, clandestinos», «resistência», «vingança», etc. Inspirados na etnossemiótica, esses motivos são elementos transversais, presentes em diferentes culturas e contextos. O autor se propõe a construir sua teoria entre as grandes configurações estruturantes (as quatro partes) e os motivos de sua dramaturgia. Um esforço que resulta na possibilidade de propor um modelo de análise da significação do político em sua globalidade.

O projeto consiste em aplicar a teoria e o método em situações da vida política para daí extrair as invariantes estruturantes. Assim, a obra, em um vai e vem entre teoria, método e análise, é composta de estudos de diferentes casos empíricos, sem perder de vista a visada globalizante sobre o construto teórico.

Na primeira parte, em consonância com a teoria greimasiana, Alonso toma a narratividade como matriz do sentido, reforçando que a transformação da coletividade é a base do discurso político. Vale ressaltar que a narratividade em questão não está associada a uma tipologia textual, nem a um conjunto de histórias produzidas pelo marketing político como formas de comunicação e manipulação, mas deve ser compreendida como transformações que evidenciam descontinuidades, seja nas ações ou nas paixões.

Avançando a proposta inicial do mestre lituano, Alonso instaura um observador e projeta a aspectualidade na narratividade, complexificando a conquista política. Desse modo, não se trata mais de pensar programas narrativos que unicamente entram em conjunção ou disjunção com o poder, mas de descrever as erosões contínuas da autoridade, a deformação discreta de posicionamentos políticos, etc. Ao longo dos capítulos, o autor mostra que as transformações narrativas podem ser observadas sob diferentes pontos de vista – seja como ações que visam a mudanças ou que delas resultam. A projeção aspectual na temporalidade, espacialidade e nos modos de presença vai delineando dois regimes principais de ação política que podem também ser compreendidos como duas formas de mudança social, política e cultural: de um lado, uma reviravolta intensa, brusca, inesperada – o evento; de outro, algo progressivo, gradual e contínuo – a programação. A proposta é a existência de dois regimes de transformação política – o contínuo e o descontínuo, o gradual

Papéis

e o categórico. A partir desses modelos predominantes depreendem-se estilos de sujeito e de vida, como o “calmo” ou o “agitado”. Encerrando a primeira etapa, Alonso afirma que essas categorias podem servir para evidenciar a correlação entre expressão e conteúdo políticos e mostrar que os dados da expressão constituem uma espécie de semioestilística do político, produzindo e refletindo efeitos de conteúdos políticos e sociais diferentes a depender do estilo.

Na segunda parte, o leitor encontra reflexões sobre o político em torno de estratégias, as quais culminam na proposta de uma “semiodiplomacia” na gestão dos conflitos políticos. Retomando a origem estrutural e a herança saussuriana da semiótica, o autor afirma que interpretamos o mundo que nos entorna – social e político –, sob a perspectiva da diferença, e que, portanto, o sentido se dá no confronto. A dinâmica de uma sociedade se mede pela capacidade de fazer a gestão dos conflitos. Uma sociedade sem conflitos é uma sociedade sem vida.

Para entender o acordo, é preciso compreender os desacordos aí presentes. A discórdia em seus vários graus – mal entendido, incompreensão, ódio, etc. é parte constitutiva do sentido do acordo. A proposta do autor é estudar o político a partir da “mecânica da negação” nos diferentes níveis da significação.

Um primeiro elemento estratégico abordado é o espaço. Apropriando-se das ideias de Lotman³ que trazem o espaço como uma práxis semiótica, um objeto não apenas de conhecimento, mas sobretudo de ação, Alonso mostra que o espaço, seja ele topológico, simbólico, político ou social, está sempre no centro das interações sociopolíticas, não surgindo apenas como palco de disputas, de negociações e conciliações, mas funcionando como o próprio objeto de disputa.

A ocupação estratégica do espaço surge na obra também por meio da exploração de alguns “motivos” clássicos da política, como o clandestino e o espião, sujeitos que não se movimentam em vão, precisando se adaptar aos espaços e ler estrategicamente os signos. Estabelecendo uma relação entre o espião e o semioticista, ambos buscando significar o espaço e procurando um

³ Jurij Lotman, «Il metalinguaggio delle descrizioni tipologiche della cultura», in Jurij Lotman et Boris Uspenskij, *Tipologia della cultura*, Bompiani, 1995, pp. 145-181.

Papéis

plano de pertinência (como selecionar informações relevantes, como triar e misturar?), Alonso nos presenteia com uma primorosa reflexão metodológica sobre os procedimentos de uma pesquisa em Etnossemiótica.

Assim como o espaço, o tempo também é considerado um elemento estratégico nas relações polêmico-contratuais. Para discorrer sobre essa temática, Alonso aborda o motivo da "rendição", mostrando que a forma como encerramos um conflito envolve questões passionais como reputação, amor próprio, entre outras que participam não apenas do encerramento do conflito, como também do prosseguimento da narrativa.

Fechando a segunda parte, o semioticista tece algumas reflexões sobre o que ele chama de "semiodiplomacia", ou seja, os modos de estabelecer acordos entre formas de vida diferentes. O autor sugere a construção do acordo por meio de diferentes níveis de pertinência. Caso os valores centrais sejam incompatíveis ou inegociáveis, podem-se encontrar acordo na confluência de valores mais "periféricos". Nesse caso, os acordos, as diplomacias, manejariam ao mesmo tempo as competências pragmática, cognitiva e estética.

Na terceira parte da obra o leitor acompanha o delineamento de uma *metasemiótica do político*, uma base de regras interpretativas que definem os sistemas axiológicos e ideológicos. Alonso inicia a argumentação colocando em discussão uma temática bastante atual que é a crise de valores que estamos atravessando, a qual traz incertezas epistêmicas (associadas ao saber, por exemplo, qual é a voz da autoridade) e veridictórias (associadas à relação entre essência e aparência e à dificuldade de sabermos, por exemplo, onde está a verdade). Em períodos de crise, o tempo se desloca. O presente é inapreensível, o futuro é imprevisível e o passado torna-se incompreensível. Surgem releituras do passado para explicar acontecimentos incompreensíveis, muitas delas apegadas na tradição. Essas constatações levam o autor à seguinte indagação: como construir uma narrativa "segura" diante das incertezas e do imprevisível?

Trata-se de um desafio do semioticista social, apreender o imprevisível, decifrar o incerto, um exercício de estruturação semântica e sintática a partir das modulações e das flutuações. De alguma forma, o trabalho é semelhante ao do

Papéis

espião ou do clandestino, encontrar um percurso relevante e pertinente em um conjunto de signos esparsos e aparentemente sem sentido.

Ainda em relação à crise associada ao verdadeiro, Alonso afirma que o segredo e a mentira sempre estiveram presentes e foram aceitos no discurso político e que a semiótica, através dos conceitos de simulacro e veridicção, abordou até então questões da verdade e da mentira. Entretanto, para o autor, houve a passagem de uma mentira vergonhosa (ou envergonhada) para uma mentira descarada, o que representa uma mudança na forma de veridicção e de julgamento do discurso político. Observamos atualmente um enunciador que não se esforça mais para parecer verdadeiro e um enunciatário que "suspende" o julgamento epistêmico sobre o discurso, considerando que o discurso político não necessariamente precisa estar relacionado à verdade. O discurso político está sendo recebido socialmente de forma distinta da anterior e, se essa transformação se encontra presente nas práticas políticas e não tem sido considerada abusiva, ela revela que as relações intersubjetivas estão se modificando. Pois, se tomarmos como base a oposição entre "ser" e "parecer", observaremos que mudanças em um dos polos implica mudança no outro.

A busca pela saída da crise precisa levar em consideração que a própria condição da linguagem é uma condição de aparência e não de transparência. É impossível atingirmos a transparência da linguagem, assim como é impossível alcançarmos a transparência do discurso político. Sendo a enunciação uma escolha, ela manifesta saberes, mas também esconde, oculta, distancia. Esse jogo de simulacros, assim como toda a política, não se manifesta apenas no discurso *stricto sensu*, mas em toda uma prática. Dessa forma, o autor reafirma a sua convicção da necessidade de se considerar gestos, movimentos, táticas, ritmo, tempo, estratégias, dispositivos técnicos, etc. na construção do sentido do político. Esses elementos podem ser compreendidos como um plano de expressão que se manifesta com um conteúdo imanente, a ideologia.

A quarta parte é dedicada à elaboração de uma *semiopolítica do sensível*. Como ponto de partida, o autor afirma a importância de se considerar a paixão como um objeto político completo e não apenas um modo do político. Para

Papéis

exemplificar, menciona o ódio, que recentemente tem sido empregado como política em diversos países, entre os quais o Brasil.

De acordo com Alonso, apesar de outras disciplinas como a História e a Sociologia terem se dedicado ao estudo das paixões na política, a descrição tensiva e aspectual de elementos políticos e históricos pode representar uma contribuição da semiótica para a compreensão desses fenômenos. Trata-se de uma abordagem que descreve as paixões presentes, ausentes ou definidoras de determinados momentos históricos, e sobretudo depreende o modo como as paixões articulam o social e o político, constituindo regimes afetivos, e o modo como esses regimes se manifestam nas condutas políticas, nas narrativas e nas formas de vida.

Os efeitos passionais na vida social e política são abordados por meio de alguns motivos, entre os quais destacam-se a vingança e a lealdade. Os sentimentos de vitimização e injustiça estão presentes nos grupos sociais de hoje e geram paixões como ressentimento e cólera, as quais não são estranhas à vingança. Boa parte dos discursos populistas e conspiratórios dos anos 2010-2020 têm a vingança muito presente. Conflitos como Palestina e Israel, históricos de longa data, também têm forte apelo de vingança. O comportamento americano na caçada a Bin Laden foi bem fincado na vingança. Os estudos de memória colocam a figura da reparação (entre a vingança e a justiça) em primeiro plano de reflexões humanas e sociais. A vingança está entre a articulação da memória e a construção do futuro, ela estende o passado do momento da agressão, o qual se torna um "passado que não passa", ela mexe na percepção de tempo, pois o futuro torna-se a obsessão de um passado. Nessa perspectiva, a vingança é menos um programa de ação e mais um programa de construção do sentido.

Tomando como base as figuras do irascível e do rancoroso presentes no estudo das paixões desenvolvido por Aristóteles na *Retórica*, Alonso propõe dois regimes temporais e rítmicos: a vingança como um prato que se come frio e a vingança como um prato que se come quente. Mais um modelo se lança, podendo o leitor preenchê-lo e aplicá-lo em diferentes contextos.

Papéis

O motivo da lealdade encerra a parte sobre paixões e política. O autor aponta dois tipos de lealdade, a lealdade universalista, aquela que é total, universal; e a lealdade parcial, aquela que é local, apenas para alguns. Muitas vezes há conflito entre as duas. Quando, por exemplo, para ser leal aos meus, eu ajo contra os princípios de lealdade universal. Ressalta-se aqui a importância dada pelo semioticista à necessidade de pensarmos os valores passionais constitutivos das relações políticas e sociais em termos de valência, o "valor do valor". Assim, no caso econômico, raras vezes se deixa de comprar mais barato no "inimigo" para comprar mais caro no amigo. Mas, em outros assuntos, a lealdade ao amigo tende a ser prioridade em detrimento à lealdade universalista. Prossequindo o raciocínio, Alonso comenta sobre a transformação instaurada pelo neoliberalismo, quando assuntos de variadas esferas – educação, cultura, passam a ter uma incidência central da esfera econômica. Por exemplo, atualmente é bastante comum a escolha e troca de escola por questões financeiras, algo que antes era bem menos presente.

Para o autor, um dos principais interesses do estudo das paixões na política é a compreensão dos elementos conectores do sensível que garantem a emergência e asseguram a permanência de atores coletivos sociais e políticos, a "liga" que faz de uma massa amorfa um grupo militante, por exemplo.

Chegamos na conclusão. Inicialmente, pode-se dizer que as quatro partes mostram o caráter produtivo da relação de interdependência entre sintaxe e semântica de um lado, e o político, de outro. As ideologias, os valores, os conteúdos, etc. se manifestam discursivizando formas narrativas. As aplicações da semiótica tensiva também representam contribuições bastante produtivas. A primeira que podemos mencionar são as diferenças graduais ou contínuas entre as categorias semânticas, exploradas ao longo da obra; uma segunda corresponde à distinção entre valor e valência. A política se faz ao nível de valores, mas também, e sobretudo, de valências.

A opção por trabalhar com motivos transversais a diferentes culturas políticas (intimidação, vingança, rendição, surpresa, clandestinidade, espião, lealdade, território, mal entendido, etc.) aponta para a construção de uma

Papéis

“semiótica das culturas políticas”. Apesar de serem estruturas relativamente autônomas, pois pertencem a narrativas próprias, esses motivos inscrevem-se em formas narrativas globais ou mesmo universais do político, permitindo, assim, a passagem de casos particulares de cada contingência político-histórica a grandes teorias semióticas e políticas do funcionamento das sociedades.

No final da obra, Alonso aponta dois desafios que se delineiam para uma semiótica do político. O primeiro refere-se à criação de novos coletivos políticos – humanos e não-humanos, diante dessa realidade de crise climática. O segundo, à relação entre as estruturas polêmico-contratuais e as modalidades veridictórias – mais uma vez, essa realidade de crise também coloca em evidência a importância da questão da verdade e da mentira em política.

La tension politique revela-se uma obra consistente e original, que, por um lado, nos proporciona uma ampla compreensão do funcionamento do político, deixando de herança modelos que nos motivam à aplicação em diferentes realidades; e, por outro lado, possui reflexões teórico-metodológicas cuja contribuição extrapola o político. Uma leitura motivante que certamente germinará muitos projetos de continuidade.

Recebido em: 10-02-2024

Aprovado em: 30-03-2024